

4 poemas de **Rita Dahl**

traduzidos por Rita Dahl, revisão de Jorge Melícias

Um muro da cidade Visby

A noite desce aos muros da cidade, uma parede azul,
nenhuma alma viva perto.
De uma fonte antiga corre
a água pelas escadas astuciosas
os estratos da concha na concha na areia da praia.
É trópico, os lábios escuros da noite,
as ondas balancadas do Atlântis e
o fado dentro de uma taverna fechada
apresentada pela cantora fantasmagórica
tudo, imaginado nesse momento.
As ondas batem com a força
nas pedras da praia, muito duro
atravessar costas mas arqueadas
dos cisnes até o horizonte.
castanhas descem pelos decênios
na nica do transeunte, as folhas farfalham
as notas moeda misteriosa
mais desconhecida do que o amor.
No colo de fecho de Kärleksporten
dobramo-nos violentamente.

A noite de San Felipe del Agua

À noite barulham os tambores do longe. Os foguetes ecoam como cada
dia fosse uma festa.
Os jovens correm pela mesma Estrada talvez para a cidade, às
festividades, o barulho dos
tambores. O cão insistente ladra ao outro ou esperando um outro. As mascaras
caem finalmente no chão. O grilo dum nota tira a serenata mais alargada da noite.
Depois de ter apagado a última luz atrás da parede ou no telhado, o
turno da noite do insecto começa, que o acaba às duas horas da manhã.
Os carros param só às três, quando ninguém quer chegar à cidade ou à

casa o falatório nunca acaba, uma tentativa matra-queada de unidade com as línguas que não conhecem o seu portador ou portadores, que não conhecem a sua língual, as dimensões dela. O grilo monótono continua ainda quando todos já se deixaram levar.

El Corazón del Tiempo

O coração do tempo é feito das folhas em forma de meia despedaças pelos sapatos da caminhada, machucados bolas do papel amarratados tronos falando na noite verde, a haste do feijão, avágem e o João a vontade e os colibris faladores do céu; é feito deles e muitas outras coisas acoração do tempo. O coração do tempo fala só para quem não sabe porque eles que sabem, já não têm tempo para o ouvir. O tempo em si mesmo já passou porque não pode ser preso num molde escorre sempre pelos desvão escapa até o horizonte mais longe, não pode ser domesticados, como o coração pode ser impedido de bater mais vezes, o coração que já perdeu a esperança, o nome, o espelho e a imagem, porque o coração é sempre novo, em cada nova batida, atravessa montanhas mesmo quando quem o porta dorme, não leva dentro de si uma só imagem que fosse mais valiosa que outra, é um coração democrático, bate, bate, bate, quando o sol escurece no céu e o canto do último pássaro se cala ao longe, contudo bate sem pausa até quebrar-se uma pedra, uma cadeia, uma imagem, um imaginário, qualquer coisa que faça o vento soprar as núvens movimentar-em-se, uma pessoa esquerecer-se, lembrar-se o tempo quando a floresta era a casa do coração vivia ao céu aberto com os pássaros até começarem os preocupações...

A manhã de San Felipe del Agua

Olhos presos ao rede dos insectos que caiu levantam-se devagar do escuro à luz. Acendo a luz, aberto a janela. Continuam explosões. Os cachorros sem pelos ladram à manhã. Além disso acaricio o Zulu em cuja cabeça pendem só alguns fios brancos de cabelo. O carro insistente barulha uma única melódia: "Oaxaca". Isso é escrito à pele da gente escura. A alma cãe-se como uma folha dum árvore em frente da janela O colibri concha ao lado do tronco sem saber onde ir. Logo ele sube em cima dos telhados. As tampas de lixeira são elevados e baixados. O sangue corra pelos corpos deled à terra. O chá de manhã no jardim cor de laranja com os pássaros gordos como companha. Essa quem barulha eu já conheço; ela tem o nome na minha mente. Um bigode cresce-se em

dois dias. Os carros vão e vêm de lá para cá, a mesma voz sem o tom. Mais uma vez eles chegam. O mundo, nesse momento leve, pesado, o toque da asa do colibri.

Rita Dahl é escritora e jornalista *freelance* que nasceu em 1971 em Vantaa, na Finlândia. Publicou os livros de poemas *Kun luulet olevasi yksin* (Loki-Kirjat, 2004), *Aforismien aika* (PoEsia, 2007), *Elämää Lagoksessa* (ntamo 2008), *Aiheita van Goghin korvasta* (Ankkuri 2009), *Bel canto nieriöille* (Kesuura 2010). Também publicou um livro da viagem sobre Portugal, *O Encantador de Milles Escadas* (Avain 2007), uma coleção dos artigos *Kuvanluojat* das artistas visuais finlandesas que morreram jovens, *poetas jovens finlandeses e escritoras internacionais* (Kesuura 2009), *A liberdade da palavra finlandizada* (Multikustannus 2009) e o livro de viagem, *Savukeitaan Brasilia* (Savukeidas 2011). Foi responsável pela revista de poesia *Tuli & Savu*, em 2001, e também pela revista cultural *Neliö* (www.page.to/nelio).

Dahl foi vice-presidente do PEN Clube Finlândia durante 2006-2009, e presidente do comitê das escritoras durante 2005-2009. Ela foi coordenadora do trabalho pelas escritoras de Ásia Central no PEN. Editou uma antologia *The Insatiable Furnace* (Like 2007) escritoras da Ásia Central e de outras regiões do mundo, que foi publicado ao mesmo tempo com um encontro das escritoras da Ásia Central em Helsinquia no Agosto 2007.

Ela também traduziu uma antologia da poesia dos anos 70 de Alberto Pimenta (*Palladium-Kirjat*). Atualmente prepara uma antologia de poesia portuguesa contemporânea, e edita uma antologia da poesia nova finlandesa em português em Brazil, que será lançada em 2011 pela editora Confraria do Vento. Ela tem um blog: www.arjentola.blogspot.com